

Introdução

1. Na continuação da edição de 2011

A presente Obra, na sequência daquela publicada em 2011, volta a centrar-se no tema da Ética e, mais uma vez ainda, assume uma dimensão multidisciplinar em virtude do caráter interdisciplinar que, desde o início desta experiência no CEFi, antes mesmo de iniciarmos o atual milênio, já reunia e interessava investigadores de diferentes disciplinas, os quais se encontraram a trabalhar, de modo transdisciplinar sobre algumas questões éticas que se colocavam às mais variadas matérias, humanísticas ou científicas, pois, a própria reflexão ética podia, afinal, ser um ponto de encontro entre elas. Dá-nos a sensação de começar a alcançar o desiderato expresso no título da presente edição: *Ética relacional: um caminho de sabedoria*.

Desta experiência resultou então, em 2011, a Obra que teve como título, *Transformar os limites em possibilidades* e como subtítulo, *por uma ética ontológica relacional*. A coordenação, tal como agora, esteve a cargo dos investigadores, Silvestre António Ourives Marques, filósofo, teólogo e jurista, Miguel Oliveira Panão, Engenheiro mecânico com preocupações ambientais e interessado na reflexão ética e teológica e Pedro Vistas, filósofo puro, numa abertura à mística e à teologia.

Esta Obra, estando sempre centrada na Ética, como se disse, quer abordar as questões do cumprimento tópico de todas as utopias, pois assume a filosofia *in Spiritu* e, por isso mesmo, não descarta o préstimo da mística e da teologia para compreender o contributo de uma ética relacional para a unidade: da família humana, da política, das instituições sociais e culturais, das religiões e da fraternidade universal. Para tal efeito, investigou-se um Carisma atual, aquele de Chiara Lubich e, conseqüentemente, alguns dos seus escritos e da doutrina que deles decorre, atinente ao tema que nos propusemos.

2. Assumpção de uma filosofia de inspiração cristã

A presente publicação segue, assim, o rumo de uma assumpção cristã na sua reflexão, como aliás é recomendado às universidades católicas no

documento conciliar *Gravissimum Educationis*. Com efeito, não será de estranhar que a investigação tida em sede católica se assuma como cristã, a par de não prescindir da suma objetividade que qualquer produção de cariz filosófico demanda. Ademais, a aliança entre fé e razão é não só um dos pilares dos primeiros séculos do cristianismo, depois aprofundada na escolástica, e amadurecida até aos nossos dias, como vai ao encontro do desígnio humano por tal ser próprio da constituição antropológica, e mesmo, tido o homem enquanto criatura e admitido como imagem de Deus, é esse diálogo sinal do desígnio divino como é esse sinal já um primeiro, incoactivo, diálogo com Deus. Não se trata dos extremos em que se coloca a razão da fé ou, doutro modo, a “fé” na razão, mas antes do reconhecimento da indesligável unidade de tais dimensões em nós e que em nós concorrem para acharmos a nossa própria unidade enquanto seres relacionais. É com tal radicalidade instrumental que, nestes estudos, iremos ao centro da ética, porque ao centro do homem. Sem dogmáticas, tanto quanto sem desatender ao horizonte cristão que nos direciona, procuraremos refletir sobre as realidades éticas, não num mero levantamento historiográfico de escolas, correntes e autores, ou ainda apenas como problematização do estatuído, mas, tendo em conta a radicalidade do que é, deduzir o que haja de haver, fazendo deduzir do ser o dever-ser.

A experiência de Deus, ou mesmo só o seu horizonte, não é assim um impedimento para pensar, mas antes uma desmedida logóica que nos impele a pensar além, numa filosofia que transcende, que ultrapassa os limites em ordem a, desde logo neles, surpreender possibilidades, conciliando deste modo o que seja a matriz filosófica inaugural socrática, com a prodigalidade milagrosa que é sinal e Dom de Deus. Para o pensamento cristão, Deus não é o jugo aporético face ao livre exercício racional, mas o que, nas aporias a que esse exercício necessariamente conduz quando assumido como processo fechado e independente, se doa como inesgotável fonte de possibilidades poréticas, possibilidades que nos levam à evidência da verdade vivida (horizonte último da ética). Deste modo, conseguiremos uma filosofia mais filosófica, porque mais desempeçada de relativismos que consideram de igual modo todas as variáveis proposicionais assim nada concluindo. A filosofia só se salva do ceticismo máximo e do seu conseqüente imobilismo se houver uma pedra angular. Há sempre um dado de fé, crítico ou acrítico, nem que seja a “fé” de que não possa tal existir. Ora a fé cristã, baseada numa experiência tópica e realíssima do amoroso diálogo com Deus (e todos nós sabemos como é real e indesmentível qualquer modalidade genuína de amor), tem em tal experiência espiritual uma pedra angular, um

“rochedo” sustentável, um ponto inamovível a partir do qual se possa construir. Assumimos, pois, uma filosofia inspirada – in Spiritu – e que inspire, não temendo, sob a força desse alento, afirmar segundo o que se sabe como seguro. É por isso que mais do que justificada no enquadramento dos princípios fundacionais da UCP e do CEFi, a assunção de tal identidade pensante está desde logo justificada pelas vidas daqueles que aqui contribuem para um pensamento que se pretende alargado à comunidade de leitores que conosco meditem nisto que é tão indispensável a todos. Deste modo, rejeitamos o sem-limite de contemplar todos os possíveis e que tem sido nas últimas décadas a maior limitação do ser-humano, mas, por mor da pedra angular de que não prescindimos, cremos estar em condições de oferecer uma reperspetivação viável, porética, tética, um caminho percorrível além da impassibilidade relativista que resulta na aporia de se não dar um passo ante todas as possibilidades admitidas. Só caminha quem sabe para onde segue e quem não duvida, e assim crê que possa dar um passo.

É assim que nos vinculamos a um propósito de radicalização da ética até nela descobrir o radical que a permite, isto é, da constituição antropológica ao fundamento divino que a sustenta, promovendo um pensamento que, não abdicando de comentar com quem pensou previamente, seja efetivamente criativo e não apenas hermenêutico, como Criativo é o Espírito que o alenta além de tecnicidades culturais com que a produção filosófica tem sido confundida, e concedendo, deste modo, genuíno proveito a quem nos leia. A partir deste mesmo fulcro unitário, faremos derivar perspetivas diversas sobre o Uno, que da unidade decorram e que para a unidade concorram ultimamente (assim se explica a pluralidade de angulações do estudo e o proveito unitivo que as mesmas apresentam), respeitando o mote universitário (que no seu cumprimento deve ser, como diz o seu nome, um encaminhamento do diverso para o uno e não uma diversidade sem mais, no estilhaçamento de especialismos quedados em si mesmos).

3. O Carisma de Chiara Lubich

Admitir que saber de onde se vem e para onde se vai não inibe a caminhada, mas antes a anima de sentido (que o contrário é error), não dispensa saber que vestuário se usa. Com efeito, ninguém terá por constrangimento o uso da veste e mesmo do calçado que propicie uma mais livre caminhada, adequando-nos ao clima e ao terreno expectável, agora que conhecemos o nosso destino. Ora, serve a analogia para declarar que se O Espírito é é uno, múltiplas são as vias dispositivas para o recebermos ou comungarmos,

e entre nós a inspiração particular de que nos recobrimos neste estudo veio a ser o luminoso carisma de Chiara Lubich, foi dessa inspiração particular que partimos ao encontro da universalidade do Espírito. Mas esta é uma veste que se usa por debaixo da pele, incarnando-a, menos sendo por ela vestido do que descobrindo-a como o corpo que nos recebe como vestes, como viáticos para a jornada.

Neste sentido e como já referimos, os três principais responsáveis por esta edição, têm vindo, ao longo dos últimos anos, a aprofundar do ponto de vista filosófico e teológico a doutrina que decorre do Carisma que Deus concedeu a Chiara Lubich e dos escritos que, ao longo da sua vida foi produzindo, uma grande parte já publicados, mas uma outra parte significativa, ainda inéditos. Todos estes escritos se encontram, neste momento, à disposição dos responsáveis pela organização da fase diocesana da Causa de Beatificação da Serva de Deus Chiara Sílvia Lubich, de que é Postulador, Silvestre Marques, um dos autores desta edição. Espera-se poder passar em breve à fase Romana da mesma Causa, de cujo estudo aprofundado resultará a resposta à interrogação de partida sobre a fama de santidade de sinais e sobre a prática das virtudes heroicas da Serva de Deus. Mais uma motivação, a partir do estudo do pensamento e da doutrina de Chiara Lubich e do seu carisma, para enfrentar as questões atuais da Ética, enquanto cumprimento tópico de todas as utopias, na medida em que o seu Carisma é precisamente a unidade (“*Ut omnes unum sint*”, *Jo* 17, 21), fundamento de uma ética relacional para a unidade, cuja meta tópica o tem vindo a demonstrar:

“Poderias contar-nos como nasceu em ti a ideia do mundo unido? Como começou esta aventura da unidade?”¹:

(...)

Como começou esta aventura da unidade?

Caríssimos, começou quando, não eu, mas Outro o quis.

Não sei se sabem que, de tempos em tempos, são concedidos, a algumas pessoas, certos dons, a que se dá o nome de ‘carismas’.

Provêm d’Aquele que rege a História e a conduz para um objetivo muito claro: o bem, fazendo com que contribua para isso até mesmo tudo aquilo que de muito triste nós, homens e mulheres, podemos fazer neste mundo.

¹ Rocca di Papa (RM Itália), 26 de abril de 1999 – Mensagem de Chiara Lubich gravada em vídeo para os Jovens por um Mundo Unido e para os participantes do Encontro do 1.º de maio em Loppiano (FI Itália).

Refiro-me a Deus, a Deus que é Amor, em quem muitos de nós acreditam com todas as forças.

Pois bem, um dia, muitos anos atrás, também nós recebemos um desses carismas.

Através dele, compreendemos que cada um de nós, jovens nessa altura, tinha um desígnio maravilhoso, um plano, quase uma missão: dedicar o tempo de vida que nos restava, para que todos fossem uma coisa só, pondo em ação, no nosso coração e no de todos, o amor.

Era fantasia? Era utopia?

Com certeza que não, já que um dia Jesus rezou ao seu Pai no Céu precisamente assim: 'Que todos sejam uma coisa só'. Podia o Pai-Deus de um Filho-Deus, com quem é um só Deus, não escutar a sua voz?

Foi então que partimos com segurança nessa direção.

Atualmente, no mundo, contando crianças, jovens e adultos, somos milhões e milhões de pessoas, de quase todas as nações existentes. Não podemos calcular quantos somos; é impossível.

Logicamente, entre os nossos, há quem não tenha a nossa fé, mas outra, ou quem não crê mesmo em nada. Todavia, possuem também eles a 'benevolência', como se diz, que não falta em nenhum coração humano. Assim caminhamos, também juntamente com eles, rumo à meta que é a família universal, rumo à edificação de um mundo unido.

E, se Deus está connosco, quem estará contra nós?

(...)

E ainda:

'Nós temos a idade que tu tinhas quando começaste... Se tu estivesses no nosso lugar, o que farias hoje?'

Se eu fosse um de vós, antes de mais, faria meu o património que já existe. Sentir-me-ia solidário com aqueles milhões de pessoas já encaminhadas e acrescentarei à causa dois contributos possíveis:

Em perfeita fidelidade com quem começou, em solidariedade com todos aqueles que nos precederam, empenhar-me-ia em amar com um ardor – se é possível – ainda maior e intensificarei a rede do nosso Movimento, que, hoje em dia, abraça o nosso planeta. Isto é, tudo faria para crescer em profundidade e em extensão.

Por outro lado, ficaria também sempre atenta às necessidades que, de tempos em tempos, se apresentam à humanidade para lhes responder.

Mas, para poder alcançar esta meta é necessário conhecer melhor a nossa revolução de amor, os seus métodos, a sua tática, os seus meios. E este conhecer, para além do viver, é um dos vossos deveres. Pedi, portanto, a quem vos pode responder, para saber como tudo isto é possível. E, contemporaneamente, lançai-vos sem reservas.

Cabe agora a vocês empunhar a bandeira do nosso Ideal.

Num lado da bandeira está escrito: unidade, amarmo-nos reciprocamente até sermos capazes de morrer uns pelos outros; o outro lado sugere o meio: o esforço, a fadiga, com a disposição também de sofrer, a fim de que no mundo resplandeça uma única família.

Vocês são jovens. Não vos pode faltar a coragem! Se nós o pudemos fazer, por que não o podem vocês?

Felicidades! Que este dia seja tal que se torne inesquecível para todos vós”².

Silvestre Ourives Marques

Miguel Oliveira Panão

Pedro Vistas

² Alguns dos autores da presente edição fazem parte daquela geração que acolheu, em 1999, esta mesma proposta e se aventuraram na sua concretização. Outros tinham acolhido, enquanto jovens, idêntica mensagem nos finais dos anos 60 e durante os anos 70, pela qual pautaram também a sua vida académica e profissional e que os leva ainda hoje a pugnar por este pensamento ético que se concretiza numa ética relacional para a unidade.